

O ensino do português nos Estados Unidos

EARL W. THOMAS

Lá pelo ano de 1930 e pouco, quando eu terminava os estudos secundários nos Estados Unidos, resolvi empreender o curso de línguas românicas na universidade. Eu tinha já alguns anos de latim, um de francês, e um pouco de espanhol. Sabendo — o que sabiam poucos dos meus patrícios na época — que o grande país do Brasil falava português, sentia vontade de adquirir alguns conhecimentos dessa língua. Depois de muita busca, encontrei um livro de gramática sobre a língua do Brasil. Infelizmente, pouco me serviu. Certo conhecido professor de geologia, depois de passar bastante tempo no Brasil no trabalho de sua especialidade, havia escrito este livro. Embora fôsse bom geólogo, era péssimo lingüista, e suas informações sobre o português não foram muito úteis. Explicou, por exemplo, que a diferença entre “caixa” e “caixão” consistia em ser o segundo “mais comprido e mais estreito” que a primeira.

Uma vez na universidade, eu tinha às mãos uma das melhores bibliotecas do país. Encontrei lá uma obra do conhecido lingüista português, Gonçalves Viana, sobre a fonética portuguesa. Trabalhando com este livro e os livros de Almeida Garrett, consegui dentro de alguns meses uma razoável imitação do sotaque coimbrão, junto com uma gramática e um vocabulário um pouco arcaicos.

Pouco depois apareceu um livro de texto para o estudo do português nas escolas. Um professor luso-americano havia traduzido para o português certo conhecido texto de espanhol. Infelizmente, a gramática saiu muito parecida com a do espanhol, e até certas palavras passaram ao livro ainda na forma castelhana.

No ano de 1938, quando fui à Universidade de Michigan para continuar os estudos de minha especialização, só pude saber de duas universidades no país inteiro, nas quais se ensinava o português. Terá havido algumas outras, mas poucas. Como a minha não era uma delas, nunca pude seguir um curso formal, de modo que possivelmente sou o único professor universitário de português dos Estados Unidos que nunca teve uma aula dessa língua. Mas felizmente pude corrigir meu sotaque de além-mar com os estudantes brasileiros que apareceram lá em grande número.

Com os primeiros anos da segunda Guerra Mundial na Europa, o povo americano começou a prestar mais atenção aos outros países do mundo. Muitos souberam que o Brasil era grande, que ocupava uma parte estratégica do continente, que produzia o café, que tinha boa música. Alguns até souberam que lá se falava português. Surgiu num novo interesse pela língua nos meios universitários. Até 1942 já havia noventa e duas faculdades e universidades no país, que ofereciam cursos de português. Infelizmente, o número de pessoas capacitadas para o ensino dessa língua não chegava a tanto. Poucos anos depois este interesse diminuiu, devido a circunstâncias que serão expostas a seguir. Mas ficou um saldo importante: formaram-se nessa época professores que mantiveram o interesse, continuaram os estudos, deram alguma divulgação à literatura, e formaram a base do ressurgimento dos estudos brasileiros anos depois. Além disso, algumas escolas continuaram as aulas de língua portuguesa, embora com números reduzidos de alunos. Nalguns anos só dois alunos apareceram para estudar comigo. Mas a Academia Naval, desde aquela época, ensina português a onze por cento dos cadetes.

Os estudos luso-brasileiros declinaram depois de 1950, devido principalmente aos acontecimentos políticos internacionais. A Guerra Fria foi a causa principal da criação de cursos de russo nas universidades, com apoio maciço do governo federal. O russo chegou rapidamente ao quarto lugar entre as línguas modernas em número de alunos, lugar que mantém até hoje. É verdade que o governo também proclamou o português "língua essencial" para os interesses do país, mas a ajuda finan-

ceira foi muito menor. As razões políticas influem rapidamente no estudo das línguas; as razões culturais operam devagar. No quarto de século passado, a política tem chamado a atenção do mundo para a Europa, o Oriente, o Oriente Médio, mas relativamente pouco para a América do Sul.

O português, nos Estados Unidos, fica na sombra do espanhol, que, como é lógico, goza de uma consideração especial entre o povo americano. É quase uma segunda língua do país; ensina-se em tôdas as escolas superiores, em grande parte das secundárias, e até em muitas primárias. Em certos Estados o estudo do espanhol é obrigatório, e num é até língua oficial, juntamente com o inglês. As razões são evidentes. Contando os descendentes de imigrantes espanhóis, os dos mexicanos, os refugiados cubanos (e descendentes de outros refugiados de outras épocas) e os quase três milhões de portorriquenhos, tanto do continente como da ilha, o espanhol é uma língua materna de talvez doze milhões de americanos.

Mas, ao contrário do que aconteceu em outros casos, quando a introdução de novas línguas no currículo foi combatida encarniçadamente pelos professores das antigas, o estudo do português tem o apoio geral dos que ensinam o espanhol. Aliás, quase todos se formaram em espanhol, com o estudo voluntário do português. Quase todos são em parte autodidatas, tendo aprendido português principalmente em visitas ao Brasil ou em contato com brasileiros residentes nos Estados Unidos.

A meados da década de 1950, o governo federal deu um apoio mais decidido ao estudo do português, visando em parte preparar mais professores, e em parte treinar especialistas nas ciências sociais para pesquisas sobre o Brasil. Apesar das subvenções do governo, o interesse da classe estudantil aumentou devagar durante alguns anos, provavelmente por falta de confiança na existência de empregos para os que se formassem em português. Mas nos últimos cinco anos passados há um crescimento contínuo do número de alunos. Durante um período de três anos, de 1964-1967, o número no país inteiro cresceu a razão de 30% por ano.

Além da ação do govêrno, houve uma atividade intensa dos professôres de português do país inteiro. Em 1964 organizou-se o *Portuguese Language Development Group*, com o fim de estimular o ensino do português, tanto nas universidades como nas escolas secundárias do país. Êste grupo se dedica a divulgar a situação de destaque do Brasil e outras terras lusas no mundo de hoje, à troca de informações entre os professôres, ao preparo de livros de texto, a sustentar com sólidas razões os esforços de grupos locais que encontram resistência da parte das comissões de educação locais, etc. O grupo publica a intervalos um boletim informativo que vai a mais de quatrocentas pessoas interessadas — professôres, funcionários dos departamentos de educação estaduais, etc. Uma vez por ano reúne-se para discutir a campanha e achar novos meios de ganhar a batalha.

Existem também grupos organizados em certas regiões do país, e, g., na capital federal, muito ativos na obra de divulgação do português. Êstes trabalham principalmente junto aos sistemas escolares locais — quase completamente autônomos nos “condados” americanos, no sentido de introduzir esta língua algumas escolas secundárias da região.

Em 1967, o Departamento de Espanhol e Português da Vanderbilt University promoveu um congresso nacional sôbre o ensino do português nas escolas secundárias. Assistiram umas 250 pessoas de quase tôda a União, além de brasileiros e portugueses que se encontravam no país. Houve conferências, troca de idéias, e relatórios sôbre a situação nas várias regiões do país. Os programas culturais, que incluíram filmes fornecidos pelos governos brasileiro e português e canções regionais cantadas por João do Vale, despertaram muito entusiasmo. O congresso serviu para reforçar o empenho de muitas pessoas que até lá tinham lutado sôzinhas, contra a incompreensão de autoridades de vários sistemas de educação estaduais e locais.

A mesma universidade conseguiu do govêrno federal fundos para dois institutos para preparar professôres secundários de português, abertas durante as férias de verão dos anos 1968 e 1969. Como resultado, um número considerável de escolas secundárias introduziu o português no currículo como língua facultativa de estudo.

A base do interêsse pelo português que existe atualmente nos Estados Unidos, e que cresce dia a dia, se encontra em três tipos de estudante. O primeiro é o estudante de línguas e literaturas românicas, que vê êsse campo de preparação incompleto sem a inclusão do português. Êste prefere, em geral, falar o português do Brasil, mas quer conhecer a literatura de ambos os lados do Atlântico. Com preparação anterior nas literaturas espanhola e francesa, êle tem a sensibilidade crítica bastante desenvolvida e acolhe com entusiasmo os grandes escritores de língua portuguesa, até lá geralmente desconhecidos. O segundo grupo, bastante maior, é formado pelos estudantes de ciências sociais que querem estudar a América Latina. Êstes estudam as duas línguas, a maior parte especializando-se em espanhol, a minoria em português. Não se interessam muito pela literatura; preferem as obras sociológicas e antropológicas, de história ou geografia. Quando lêem obras de ficção, querem o romance, conto ou peça de teatro de base social, que apresenta situações e problemas da atualidade brasileira. O terceiro grupo é formado de luso-americanos, agrupados no litoral do Atlântico. Naquela região existem muitas escolas, públicas e paroquiais, onde os portugueses e luso-americanos formam uma grande porcentagem do corpo discente. O número aumenta sempre com a forte correnteza imigratória vinda principalmente dos Açores.

Atualmente há um esforço por parte da profissão no sentido de captar uma grande parte dos alunos não incluídos nestes grupos. Para muitos estudantes universitários, o estudo das línguas é uma parte essencial da vida cultural. Mas a escolha da língua ou línguas depende de elementos imponderáveis que atraem o interêsse de cada indivíduo. O francês tem a vantagem da tradição cultural que vem de longa data. O alemão, além do prestígio na ciência, tem o apoio dos milhões de americanos de ascendência alemã. O espanhol, além de outras qualidades, é conhecido como a língua (muitos crêem que a única) da América Latina. Para atrair o estudante geral ao estudo do português, é preciso primeiro lutar contra a ignorância, ainda grande apesar de tudo, do americano sôbre o mundo luso-brasileiro. Êle não conhece, nem de nome, os grandes escritores do pre-

sente nem do passado. Muitas vezes crê que no Brasil se fala espanhol. E nunca encontrou êstes conhecimentos nos conselheiros que lhe orientam os estudos, nem na escola secundária nem na universidade.

A grande tarefa do *Portuguese Language Development Group* é, então, uma obra de publicidade. É mister divulgar entre os americanos médios os países de língua portuguesa, e escolher bem os elementos mais capazes de chegar ao conhecimento de um povo bombardeado doze horas por dia pela indústria de publicidade mais desenvolvida do mundo. Há quem lê Machado de Assis e Eça de Queiroz, mas a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* foi lida por dez vezes mais pessoas. Há quem adora a música de Vila-Lobos, mas sem saber que era brasileiro. Mas neste momento Sérgio Mendes representa o Brasil para muitos americanos. A diplomacia brasileira nunca mandou ninguém ao exterior que conquistasse um povo como fez Carmen Miranda nos Estados Unidos. Não importa que a imagem fôsse um pouco falsa; foi completamente favorável. A música popular brasileira é sem dúvida a maior arma de propaganda — de propaganda no melhor sentido da palavra. Chama a atenção do grande público, ganha a boa vontade dos ouvintes, e deixa uma lembrança que não se desbota com o tempo.

Existem outros meios aproveitáveis, quase não empregados até agora. A arquitetura moderna do Brasil é talvez a melhor do mundo, mas não se encontra um bom livro de divulgação, com fotos. As fotografias de Brasília, levadas ao mundo inteiro, geralmente por estrangeiros, modificaram sensivelmente a impressão que o mundo tem do Brasil. A pintura brasileira viaja à Europa e aos Estados Unidos, mas existem nela grandes possibilidades de divulgação do país que não se aproveitam.

O *Portuguese Language Development Group* acredita que, no seu trabalho de divulgação do Brasil e Portugal, de criação de cursos de português, presta um serviço aos três países. Procura a colaboração de entidades dos governos de todos, e tem feito alguma, mas há outras coisas que êstes governos poderiam fazer com gastos mínimos.

ARMORIAL DE UM CAÇADOR DE NUVENS



RECIFE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
1971